


## FORMAÇÃO DOCENTE NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: REFLEXÕES SOBRE A PREGUIÇA E A MENORIDADE NA PÓS-MODERNIDADE

 <https://doi.org/10.56238/arev7n5-413>

Data de submissão: 29/04/2025

Data de publicação: 29/05/2025

**Diego Alexandre Divardim de Oliveira**

Doutor em Educação

Instituição: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Email: dadoliveira@uepg.br

**Ana Luiza Ruschel Nunes**

Doutora em Educação

Instituição: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Email: analuiza@uepg.br

### RESUMO

Este artigo tem como problema a formação docente no contexto da pós-modernidade e a “preguiça mental” de acadêmicos de um curso de licenciatura, os quais se utilizam de Inteligência Artificial (IA) para a produção de trabalhos acadêmicos. Neste sentido, a problemática em questão não é um questionamento, mas uma representação das inquietações e do inconformismo dos pesquisadores diante de tal conjuntura. Assim, o objetivo deste artigo é um estudo de caso, assim como a discussão a partir de teóricos que se dedicaram e se dedicam para com a emancipação dos indivíduos a partir do esclarecimento (*Aufklärung*). Entre eles, destacam-se Theodor Adorno (2014;2020) e Max Horkheimer (2015), os quais representam o fundamento epistemológico deste artigo, a Teoria Crítica. Este artigo também apresenta um diálogo entre o observado com as teorias, constituindo uma reflexão provocativa sobre formação, esclarecimento (*Aufklärung*), emancipação, ética, entre outras questões/conceitos. Além dos supracitados teóricos participam as ideias de Immanuel Kant (2008;2024), Zygmunt Bauman (2013), Louis Althusser (1970), Andreas Gruschka (2014), Pierre Bordieu e Jean Claude Passeron (2018), Edgar Morin (2015;2017;2020), Huberto Roden (2007) e Arthur Schopenhauer (2012). Conclui-se que o observado e reflexionado é um sintoma social causado pelo sistema econômico hegemônico, em outras palavras, um mal-estar pós-moderno.

**Palavras-chave:** Formação docente. Estudo de Caso. Inteligência Artificial. Ética.

## 1 INTRODUÇÃO

Vive-se um momento histórico marcado por grandes avanços tecnológicos, como por exemplo as tecnologias da informação e o advento das Inteligências Artificiais, as quais vem marcando significativamente a sociedade na pós-modernidade. Por outro lado, é possível perceber que uma parcela da sociedade não tem apresentado maturidade para operar com estes novos recursos, os quais, em função do mal uso, podem apresentar-se como nocivos a sociedade.

Neste contexto, a partir de vivências, observações, diálogos e reflexões na docência no ensino superior, mais especificamente em um curso de licenciatura, emergiu a **questão problema** que motiva as reflexões que serão apresentadas neste artigo. Assim, a problemática diz respeito a formação docente no contexto da pós-modernidade e a preguiça mental apresentada por acadêmicos de curso de licenciatura, os quais tem se utilizado das Inteligências Artificiais para a produção de trabalhos acadêmicos, como por exemplo resenhas e textos argumentativos, etc., demonstrando descompromisso para com a construção do conhecimento e para com a ética. A questão problema não se caracteriza por uma pergunta, mas como uma inquietação, um inconformismo diante de tal conjuntura, que leva ao **objetivo** deste artigo, o qual se caracteriza por uma discussão a partir de teóricos que se dedicaram e se dedicam para a emancipação dos indivíduos a partir do esclarecimento.

Considerando a problemática deste artigo, e seu objetivo, o **delineamento metodológico** caracteriza-se pelo diálogo entre os pesquisadores, autores deste artigo, com outros intelectuais a partir de suas obras, caracterizando-se, assim, como uma Pesquisa Bibliográfica, também demonstrando um viés de Estudo de Caso, ou seja, apresenta a visão dos investigadores/autores sobre a realidade vivida e relatada por professores do ensino superior, reflexionada a partir dos pressupostos teóricos que fundamentam este artigo. Neste ínterim, este artigo apresenta-se como uma provocação sobre Ética que visa levar os indivíduos a autocrítica e, quiçá, ao esclarecimento, assim, tem seu fundamento epistemológico na Teoria Crítica, representada principalmente por Theodor Adorno e Max Horkheimer. Outros autores são trazidos a esta reflexão em função de suas significativas contribuições ao campo filosófico, são eles: Immanuel Kant, Zygmunt Bauman, Louis Althusser, Andreas Gruschka, Pierre Bordieu, Jean Claude Passeron, Edgar Morin, Huberto Roden e Arthur Schopenhauer.

## 2 DISCUSSÃO

Em face do objetivo deste artigo, Adorno (2020, p.187), apresenta uma reflexão sobre a universidade, a qual, julga como um “mecanismo de controle poderosíssimo”, que acaba por castrar a ciência e intimidar os indivíduos a se arriscarem e expressarem pensamentos “não assegurados”. Sua preocupação com aquele contexto alemão, contribuiu para com a sua luta pela emancipação, e neste

sentido, a sua Teoria Crítica também é militante, para ele, talento não é uma predisposição natural, embora seja possível perceber indícios naturais, mas

[...] que o talento, tal como verificamos na relação com a linguagem, na capacidade de se expressar, em todas as coisas assim, constitui-se, em uma importantíssima proporção, em função de condições sociais, de modo que o mero pressuposto da emancipação de que depende uma sociedade livre já encontra-se determinado pela ausência de liberdade da sociedade (ADORNO, 2020, p.188).

Tendo em vista que o Projeto Pedagógico do curso de licenciatura, no qual fora observado durante uma atividade em sala de aula, acadêmicos se utilizando das Inteligências Artificiais para a produção de textos, apresenta em seus fundamentos teóricos epistemológicos a Teoria Crítica, a Pedagogia Histórico Crítica e a Teoria da Educação de Paulo Freire, constituindo, desta forma, um curso de formação docente comprometido, não só com a formação docente numa perspectiva crítica, mas comprometido para com a educação para além dos muros da universidade, ou seja, o curso de licenciatura em questão, visa uma formação humanitária, seu objetivo é a democratização do conhecimento com a finalidade de contribuir para com o esclarecimento e a emancipação dos indivíduos. Assim sendo, perceber que há um número de acadêmicos que se utilizam das Inteligências Artificiais para cumprirem atividades que visam a sua formação crítica, possivelmente demonstra que os mesmos podem estar se sentido desprovidos de talento e, portanto, inseguros diante de possíveis julgamentos que os seus professores podem realizar, caracterizando esta última sentença como uma primeira hipótese. Contudo, como uma segunda hipótese, pode-se considerar que tal situação, pode ser resultado da falta de comprometimento e ética dos jovens acadêmicos.

Adorno (2020) corrobora com a reflexão sobre a falta de comprometimento para com a própria formação docente, quando discute sobre a formação docente e a importância de que os estudantes que se percebessem desprovidos das competências necessárias para o exercício da profissão, deveriam seguir por outro caminho, para este filósofo, se não há concordância com os conceitos inerentes a profissão, não há motivos para permanecer nela, exceto se for para engajar-se e exercerem a autocrítica. Adorno (2020, p.74) afirma o desejo “de que os futuros professores tenham uma luz quanto o que eles próprios fazem, em vez de se manterem desprovidos de conceitos em relação à sua atividade”.

Assim como na formação filosófica, a formação docente demanda a constituição de uma identidade, desta forma “a ocupação com a filosofia deveria promover a identidade de seu interesse verdadeiro com o estudo profissional que elegeram, mas na verdade apenas aumenta a autoalienação” (ADORNO, 2020, p.75). A docência também apresenta aspectos filosóficos, portanto, a supracitada afirmativa de Theodor Adorno é cabível a esta reflexão e demonstra permanecer atual e condizente

com as reflexões na pós-modernidade. Assim, a questão da “autoalienação” faz emergir reflexões em torno das reflexões de Immanuel Kant, sobre o esclarecimento (*aufklärung*).

Kant (2008, p.115), em resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”, afirma que

“Esclarecimento” [Auflärung] significa a saída do homem de sua menoridade, da qual o culpado é ele próprio. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a sua causa não estiver na ausência de entendimento, mas na ausência de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere aude!* Tem ousadia de fazer uso de teu próprio entendimento – tal é o lema do Esclarecimento [Aufklärung].

No supracitado contexto universitário, objeto de estudo neste artigo, é possível inferir que aqueles potenciais indivíduos, neste caso sujeitos em função da condição de sujeição que apresentam, como nas palavras de Kant, demonstram permanecer em um estado de menoridade por não fazerem uso do entendimento, permitindo-se serem dirigidos não somente por outros indivíduos, mas por abdicarem de suas capacidades cognitivas, assim como do potencial intelectual. Há culpa quando optam por não fazerem uso das capacidades intelectivas, por preguiça, procrastinação ou por má fé.

Será que todos podem ser considerados indivíduos, quando rejeitam suas capacidades intelectivas e adotam as Inteligências Artificiais como substitutas ao próprio cérebro?! Ora,

Quando falamos em indivíduo como uma entidade histórica, não nos referimos apenas a existência sensível e espaço temporal de um membro particular da raça humana, mas, além disso à consciência de sua individualidade como um ser humano consciente, inclusive o reconhecimento de sua própria identidade. Essa percepção da identidade do eu não é igualmente forte em todas as pessoas. Ela é definida mais claramente em adultos do que em crianças, que devem aprender a chamar-se de “eu” – a mais elementar afirmação de identidade (HORKHEIMER, 2015, p143).

Quando um professor solicita aos acadêmicos que escrevam um texto argumentativo, ele espera que cada um escreva a partir de si mesmo, de suas experiências, de seu arcabouço de conhecimento, sobre um tema/problema, que o texto seja resultado de processos reflexivos e, que não seja cópia daquilo que outros indivíduos produziram, ou ainda pior, cópia daquilo que foi gerado por Inteligência Artificial.

“*Sapere aude!*”, expressão latina que clama pela busca por conhecimento, incitando os indivíduos ao conhecimento, sejam ousados e não se permitam ser dirigidos. Hoje, esta expressão é deveras pertinente para as reflexões e discussões sobre a pós-modernidade, expressão que permite a reflexão sobre as relações que a sociedade está estabelecendo com as novas tecnologias, principalmente as tecnologias da informação, como por exemplo o uso indiscriminado de ferramentas como as redes sociais, jogos e a famigerada Inteligência Artificial. O uso indiscriminado de tais tecnologias, atua no ser humano como cabrestos, conduzindo-os, se movem como se estivessem sendo

conduzidos por forças externas, em outras palavras, são alienados, permanecem na menoridade. Assim,

A preguiça e a covardia são as causas pelas quais uma grande parte dos homens, depois que a natureza de há muito os libertou de uma direção estranha (*naturalier maiorennses*), constituem, não obstante, de bom grado menores durante toda a vida. São também as causas que explicam porque é tão fácil que os outros se constituam seus tutores. É tão cômodo ser menor! (KANT, 2008, p.115).

Mas faz-se necessário considerar que na pós-modernidade estudos no campo da psicologia demonstram que uma parcela da sociedade estabelece uma relação de dependência de tais tecnologias, a qual tem sido entendida por aqueles pesquisadores como um vício semelhante ao vício em substâncias químicas, em função do aspecto fisiológico que apresentam no corpo humano, constituindo, de fato, uma dependência química. Kant, por sua vez, também abordou a questão do vício, para ele,

Os deveres imperfeitos são, portanto, unicamente deveres de virtude. O cumprimento dos mesmos é mérito (*meritum*) = +a; sua transgressão, porém, não é imediatamente demérito (*demeritum*) = -a, mas antes apenas ausência de valor moral = 0, a menos que para o sujeito seja um princípio não se conformar àqueles deveres. A firmeza do propósito no primeiro caso chama-se, propriamente, apenas virtude (*virtus*), a fraqueza, no segundo, chama-se não tanto vício (*vitium*) quanto, pelo contrário, mera ausência de virtude, falta de firmeza moral (*defectus moralis*). (Como a palavra *Tugend* [virtude] deriva de *taugen* [servir para], também *Untugend* [ausência de virtude] deriva de *zu nichts taugen* [não servir pra nada]). Cada ação contrária ao dever se chama transgressão (*peccatum*). Contudo, a transgressão proposital que se tornou princípio constitui propriamente aquilo que se chama vício (*vitium*) (KANT, 2024, p.23).

Para Immanuel Kant, as máximas das ações são como imperativos, mas as ações em si, são influenciadas pelo livre-arbítrio, segundo este filósofo não se trata de subterfúgio, mas da possibilidade de se alcançar uma máxima a partir das possibilidades imediatas, como por exemplo, o amor ao próximo como condição para o amor universal. Neste sentido, amar o próximo é um dever de virtude. Portanto, seguindo esta linha de raciocínio, pode-se considerar que um acadêmico necessita amar o conhecimento e a verdade, pois o comprometimento para com o conhecimento e para com a sociedade, assim como o comprometimento para com o esclarecimento são deveres, aos quais é fundamental a dedicação. Ora, no caso específico deste artigo, no qual se observou acadêmicos de uma licenciatura que apresentaram textos produzidos por Inteligência Artificial, pode-se considerar que os mesmos, se afastam do princípio da virtude, apresentando um comportamento próximo àquele que se pode chamar de transgressor, ausente de virtude, não servem para nada (*zu nichts taugen*), se vivem sem entendimento, vivem a menoridade, vivem alienados. Mas, se o comportamento transgressor, não é resultado daquela alienação, mas proposital, exercido pelo desejo próprio, aí sim, constitui vício. Por outro lado, neste caso, não servir para nada (*zu nichts taugen*), é uma afirmativa relativa, pois é possível

considerar que aqueles que assim agem, servem para a manutenção das coisas como estão, ou seja, são marionetes nas mãos dos detentores de poder político e econômico e, por este motivo, comportamentos semelhantes entre aqueles que escolheram a educação como profissão constitui uma barbárie.

Inclusive, ao se abordar a questão da barbárie, refletir sobre a sociedade de classes é fundamental, em função de que, segundo Horkheimer (2015), verifica-se nas classes sociais oprimidas, uma atrofia da individualidade. Neste sentido, seria a transgressão resultado da insegurança em elaborar e expressar as opiniões próprias sobre determinados assuntos?! Horkheimer (2015, p.144), afirma que

A individualidade pressupõe o sacrifício voluntário da satisfação imediata pelo bem da segurança, da manutenção material e espiritual da própria existência. Quando as vias para uma vida como essa estão bloqueadas, existem poucos incentivos para negar a si mesmo prazeres momentâneos. Logo, a individualidade entre as massas é bem menos integrada e duradoura do que entre a chamada elite. Por outro lado, a elite sempre esteve mais preocupada com as estratégias para conquistar e manter o poder. O poder social é hoje, mais do que nunca, mediado pelo poder sobre as coisas. Quanto mais intensa for a preocupação do indivíduo com o poder sobre as coisas, mais as coisas o dominarão, mais lhe faltarão quaisquer traços genuinamente individuais e mais sua mente será transformada em um autômato da razão formalizada.

Diante disso, o exercício da individualidade apresenta-se como uma ruptura, um ato de transgressão, agora não como ausência de virtude, mas como resultado da consciência que busca esclarecer-se, negando a falsa ideia de conforto e segurança, a qual fora construída, pregoada e propagada historicamente e, neste sentido, a ausência da individualidade também pode ser verificada em grupos tidos como elite. Em outras palavras, de forma sintética, o capitalismo matou o indivíduo e criou a massificação das populações do globo. Nesta conjuntura, pensar sobre o indivíduo virtuoso, incita a reflexão sobre as qualidades pessoais e sociais, ou seja,

[...] As qualidades pessoais mais estimadas, como a independência, a vontade de liberdade, a simpatia e o senso de justiça são virtudes tão sociais quanto individuais. O indivíduo plenamente desenvolvido é a consumação de uma sociedade plenamente desenvolvida. A emancipação do indivíduo não é uma emancipação da sociedade, mas a libertação da sociedade da atomização, uma atomização que pode alcançar seu pico em períodos de coletivização e cultura de massa (HORKHEIMER, 2015, p.150).

Conforme o que é possível observar no contexto da pós-modernidade, a coletivização e a cultura de massa são realidades que afetam o mundo globalizado, onde não é possível verificar nenhum indivíduo plenamente desenvolvido, justamente, pelo simples motivo, de que ao se pensar em indivíduo plenamente desenvolvido e sociedade plenamente desenvolvida, um não pode ser sem o outro e vice versa. Isto é, vislumbra-se o pleno desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade, e neste sentido, a ênfase deve estar no processo, na formação, no esclarecimento dos indivíduos, como



exemplo, Adorno (2020) afirma que a democracia só é possível em uma sociedade constituída por pessoas esclarecidas.

Por conseguinte,

Existem ainda algumas forças de resistência dentro do homem. É uma evidência contra o pessimismo social o fato de que, apesar do contínuo assalto de padrões coletivos, o espírito da humanidade esteja ainda vivo, se não no indivíduo como um membro de grupos sociais, pelo menos no indivíduo na medida em que é deixado sozinho. Mas o impacto das condições existentes sobre a vida do homem comum é tal que o tipo submisso antes mencionado tornou-se esmagadoramente predominante. Desde o dia de seu nascimento, o indivíduo é levado a sentir que há apenas um caminho para se dar bem neste mundo – desistir da esperança da autorrealização absoluta. Isso ele pode atingir apenas pela imitação. Ele reage continuamente ao que percebe sobre si, não apenas conscientemente, mas com todo o seu ser, emulando os traços e as atitudes representados por todas as coletividades em que se vê enredado – seu grupo de diversões, seus colegas de classe, sua equipe esportiva e todos os outros grupos que, como apontado, forçam um conformismo mais estrito, uma rendição pela completa assimilação mais radical do que aquela que qualquer pai ou professor do século XIX podia impor. Ecoando, repetindo, imitando seu entorno, adaptando-se a todos os poderosos grupos aos quais ele eventualmente pertença, transformando-se de um ser humano em um membro de organizações, sacrificando suas potencialidades pela disposição e habilidade de conformar-se a tais organizações e nelas ganhar influência, ele logra sobreviver. É a sobrevivência alcançada pelo mais antigo meio biológico de sobrevivência, a saber, pelo mimetismo (HORKHEIMER, 2015, p156).

A pós-modernidade está marcada, como afirmado anteriormente, pela atrofia do “eu”, toda estrutura social construída é marcada por esta condição, constituindo-se pela massificação, e infelizmente, a renúncia das capacidades intelectuais não se observa somente entre os mais jovens que estão em formação inicial, mas também pode ser verificada entre aqueles que já saíram dos bancos das academias e que já possuem diplomas, sejam bacharéis ou licenciados, mas entre estes últimos, fica muito evidente o estado de alienação quando renunciam o trabalho intelectual para atuarem como mediadores de materiais e sistemas de ensino, ou seja, quando se rendem a plataformização da educação. Ora, é fundamental defender a docência enquanto trabalho intelectual, consistindo em uma questão política, e a sua renúncia, assim como o conformismo, demonstram falta de vigor moral. Por outro lado, o estado de apatia que demonstram pode ser resultado de uma história de opressão como Horkheimer (2015), bem pontuou, e que ainda alerta sobre o potencial de resistência presente no ser humano.

No que diz respeito a ideia de mimetismo, Horkheimer (2015, p.157) complementa dizendo que

Da mesma forma como uma criança repete as palavras de sua mãe, e o jovem os modos brutos dos mais velhos nas mãos de quem ele sofre, também o imenso alto-falante da indústria cultural, ressoando recreação comercializada e publicidade popular – que se tornam cada vez mais indistinguíveis entre si –, republica incessantemente a superfície da realidade. Todos os engenhosos dispositivos da indústria do divertimento reproduzem repetidamente cenas banais da vida, não obstante ilusórias, já que a exatidão técnica da reprodução encobre a falsidade do

conteúdo ideológico ou a arbitrariedade da introdução desse conteúdo. Essa reprodução nada tem em comum com a grande arte realista, que retrata a realidade a fim de julgá-la.

Hoje, mais do que nunca, a indústria cultural atua na mente dos indivíduos, por mais que seja necessário considerar a época em que Max Horkheimer e Theodor Adorno se dedicaram a crítica a Indústria Cultural, assim como a barbárie que o nazismo realizou na Europa, nos dias atuais a massificação é uma triste realidade. A sociedade pós-moderna pode ser representada pela predominância de tipos submissos, conformados, entretidos, viciados (no sentido kantiano e no sentido neurocientífico). O jovem acadêmico precisa resolver o mais rapidamente as tarefas atribuídas pelos professores, de forma a se livrar daquilo que considera enfadonho e desnecessário, para que no tempo mais breve possível possa retornar ao consumo de tudo aquilo que a Indústria Cultural proporciona, prazer imediato, uma espécie de sedação da realidade que os torna inaptos a revolução pelo esclarecimento. Porquanto,

[...] A forma de vida em que a geração jovem de hoje nasceu, de modo que não conhece nenhuma outra, é uma sociedade de consumidores e uma cultura “agorista” – inquieta e em perpétua mudança – que promove o culto da novidade e da contingência aleatória. Numa sociedade e numa cultura assim, nós sofremos com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto os objetos de desejo quanto os de conhecimento, e com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que se vão. A ressonância entre as agendas da TV (um redemoinho de trajes sumários e strip-teases emocionais) e o modo como nossa forma de vida nos treinou e adestrou a sentir e desejar é medida pelo ranking das emissoras. Ver TV, afinal, não é obrigatório, e mudar de canal não é motivo de punição. Pelo menos nesse aspecto de nossa tomada de decisões, ainda temos liberdade de escolha. Não desligar o aparelho é uma decisão, da mesma forma que o ligar. Ou pelo menos é o que parece (BAUMAN, 2013, p.34).

É de fundamental importância ponderar que a constatação realizada por Bauman (2013), fora empreendida em um contexto histórico de há 12 anos, e por este motivo destaca a relação que a sociedade estabelece com a TV, desta forma, torna-se imperioso considerar que na passagem de pouco mais de uma década as tecnologias da informação apresentaram avanço significativo e, hoje, para além da TV, a sociedade está imersa em uma infinidade de ferramentas/recursos, como por exemplo a *Internet* e suas possibilidades, o fluxo de mídia, mais conhecido como *streaming*, as redes sociais, mecanismos de buscas, as mais diversos *softwares*, sem falar no grande *boom* dos *smartphones* e suas inúmeras possibilidades de uso, possibilitando a qualquer pessoa, em qualquer lugar e em qualquer momento conectar-se a *World Wide Web*, tornando-se mais um elemento no emaranhado da grande rede. Ora,

[...] quando quantidades crescentes de informação são distribuídas a uma velocidade cada vez maior, torna-se progressivamente mais difícil criar narrativas, ordens ou seqüências de desenvolvimento. Os fragmentos ameaçam se tornar hegemônicos. Isso tem consequências para as maneiras como nos relacionamos com o conhecimento, o trabalho e o estilo de vida num sentido amplo (BAUMAN, 2013, p.35).



E, ainda mais, a partir do advento das redes sociais e suas *timelines* de rolagem infinita, que possibilita aos usuários estenderem os períodos de uso e consumo de conteúdos, os mais diversificados possíveis e sempre apresentando conteúdos/conhecimentos fragmentados sobre tudo. Como exemplo, é possível verificar indivíduos que se dizem historiadores, consultores, historiadores e críticos da Arte, mas que na realidade são apenas criadores de conteúdo, produzem pequenos vídeos e/ou outros materiais, sem o comprometimento com a construção de uma narrativa de sentido. Assim, o arcabouço de conhecimento adquirido pela sociedade é uma espécie de *magazine*, produzido por criadores de conteúdo, que muitas vezes não demonstram comprometimento com o esclarecimento, mas unicamente, com o número de visualizações, comprometidos exclusivamente com a própria renda através da monetização dos conteúdos que produzem. Com efeito, o aprofundamento no conhecimento, que somente o estudo e a pesquisa comprometida proporcionam, é visto como cansativo pela geração consumidora daqueles conteúdos “*fast food*”.

Certamente, “[...] a cultura líquido-moderna não se sente mais uma cultura da aprendizagem e da acumulação, como as culturas registradas nos relatos dos historiadores e etnógrafos. Em vez disso, parece uma *cultura do desengajamento, da descontinuidade e do esquecimento*” (BAUMAN, 2013, p.36), e infelizmente é possível constatar estes aspectos nas relações que universitários, futuros docentes, estão estabelecendo com o conhecimento e para com a sociedade. E, se é possível considerar, que o compromisso para com a sociedade como máxima, estabelecer boas relações com os mais próximos seria uma virtude imperfeita, e o que vem demonstrando é um certo desprezo pelo outro, sendo possível perceber egoísmo entre os jovens acadêmicos, e ainda mais, o espírito de solidariedade está presente na docência de poucos professores. Ora, não é de se estranhar, pois a sociedade pós-moderna está marcada pelos princípios do capitalismo, no qual, o individualismo, a competitividade e a meritocracia são fomentadas. Dessarte, faz-se necessário considerar que qualquer Projeto Pedagógico também é político, por mais que se evite o uso deste termo naqueles documentos, é urgente a necessidade de que os formadores de docentes estejam comprometidos e atuem de forma crítica, colaborando na construção de uma “[...] educação universal, capaz de promover uma vida feliz” (BAUMAN, 2013, p.38).

Por outro lado,

A moderna cultura de massa, embora se aproveite livremente de valores culturais caducos, glorifica o mundo como ele é. O cinema, o rádio, as biografias e os romances populares têm o mesmo refrão: esse é o nosso filão, esse é o canal para o grande e para aquele que se pretenda grande – esta é a realidade como ela deveria ser e será. Mesmo as palavras que poderiam expressar uma esperança de algo para além dos frutos do sucesso foram postas a seu serviço. A ideia de bem-aventurança eterna e tudo relacionado ao absoluto foram reduzidos à função de edificação religiosa, concebida como uma atividade de passatempo; eles tornaram-se parte do vernáculo da escola dominical. A ideia de felicidade também foi reduzida a uma banalidade

a fim de coincidir com o tipo de vida normal que o pensamento religioso sério frequentemente criticou. A própria ideia de verdade foi reduzida ao propósito de uma ferramenta útil no controle da natureza, e a realização das infinitas potencialidades inerentes ao homem foi relegada ao estatuto de luxo. O pensamento que não serve aos interesses de qualquer grupo estabelecido ou que não é pertinente aos negócios de qualquer indústria não tem lugar, é considerado vão ou supérfluo (HORKHEIMER, 2015, p.158).

Infelizmente, tal forma de pensamento está impregnado na sociedade, de tal forma que, é possível encontra-lo entre aqueles que se candidatam ao curso de licenciatura objeto deste artigo. Verifica-se uma preocupação considerável para com um possível e futuro sucesso econômico, assim como uma lamentação com relação a condição econômica do momento presente, que ao mesmo tempo é amenizada pelo entretenimento que as ferramentas tecnológicas, como os *smatphones*, proporcionam. Os indivíduos buscam preencher seus vazios existenciais com tudo aquilo que está sendo produzido para mantê-los cativos no sistema que os oprime, que causa as doenças e que promete a cura, mas que de fato, somente realiza a manutenção daquela vida doentia, e nessa conjuntura, poucos são aqueles que conseguem viver de outra forma, no contrafluxo. Assim, para Horkheimer (2015, p.172), “a diminuição do pensamento e da resistência individuais, como a trazida pelos mecanismos econômicos e culturais do industrialismo moderno, tornará a evolução em direção ao humano cada vez mais difícil”.

Horkheimer (2015, p.174), assevera que os instrumentos da cultura de massa colaboram para reforçar a massificação da sociedade, suprimindo a individualidade, para ele, “cada instrumento da cultura de massa serve para reforçar as pressões sociais sobre a individualidade, impedindo qualquer possibilidade de que o indivíduo de alguma forma se preserve diante de toda a maquinaria atomizante da sociedade moderna”, nesta conjuntura, indivíduos podem ser considerados vítimas, ou reféns, de uma forma de totalitarismo.

Totalitarismo onde as tecnologias da informação atuam na sociedade como aparelhos ideológicos, como na concepção de Althusser (1970, p.9), o qual afirma que “se uma formação social não reproduz as condições da produção ao mesmo tempo que produz não conseguirá sobreviver um ano que seja”, neste sentido, os donos do poder político-econômico irão fazer de tudo para que a sociedade como está organizada continue sendo reproduzida, constituindo estratégias para que o povo permaneça oprimido, pacato, como um rebanho que é conduzido de acordo com as necessidades daqueles que os oprimem. Desta forma, é indispensável pensar sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), como Althusser (1970) tão bem pontua e que permite a reflexão contextualizada para o momento presente.

Segundo Althusser (1970, p.43), quando se fala em Aparelhos de Estado, há duas instâncias distintas, uma diz respeito ao poder de Estado, é o que o autor chama de Aparelho Repressivo de Estado

(PRE), pertencente ao domínio público (Governo, Administração, Exército, Polícia, Tribunais, Prisões, etc.), a outra instância é constituída pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), pertencente principalmente ao domínio privado, na qual se verifica, entre outros, o “AIE escolar (o sistema das diferentes escolas públicas e particulares), o AIE da informação (imprensa, rádio, televisão, etc.) e o AIE cultural (letras, belas artes, desportos, etc.)”. Mas, qual a relação das ideias de Althusser (1970) com a questão problema deste artigo, o uso das tecnologias da informação e a preguiça mental como sintoma na pós-modernidade? Ora, a resposta a esta questão está nos princípios do pensamento burguês, em outras palavras, a sociedade está severamente marcada pela presença do Estado burguês.

[...] A distinção entre o público e o privado é uma distinção interior ao direito burguês, e válida nos domínios (subordinados) em que o direito burguês exerce seus “poderes”. O domínio do Estado escapa-lhe porque está “para além do Direito”: o Estado, que é o Estado da classe dominante, não é nem público nem privado, é pelo contrário a condição de toda a distinção entre público e privado. Podemos dizer a mesma coisa partindo agora dos nossos Aparelhos Ideológicos de Estado. Pouco importa que as instituições que realizam sejam “públicas” ou “privadas”. O que importa é o seu funcionamento. Instituições privadas podem perfeitamente “funcionar” como Aparelhos Ideológicos de Estado. Uma análise um pouco mais profunda de qualquer dos AIE seria suficiente para provar o que acabamos de dizer. Mas vamos ao essencial. O que distingue os AIE do Aparelho (repressivo) de Estado, é a diferença fundamental seguinte: o Aparelho repressivo de Estado “funciona pela violência”, enquanto os Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam “pela ideologia” (ALTHUSSER, 1970, p.45).

Deste modo, estas considerações, corroboram para com a reflexão sobre o modo como os acadêmicos se comportam dentro da academia, assim como, as relações que estabelecem com o conhecimento, com a própria formação. Os mesmos, demonstram estarem afetados pelos AIE, os quais afetam a consciência dos indivíduos, condicionando-os, assim, como autômatos, agem sem o uso da razão crítica. Numa época em que o avanço tecnológico deveria contribuir para o esclarecimento da sociedade, o mesmo tem realizado um desserviço para aqueles que buscam a emancipação por meio do esclarecimento, mas com toda a certeza, estão realizando um bom serviço para a manutenção do *status quo* burguês. Com efeito, é possível enquadrar alguns aspectos da pós-modernidade nos AIE assinalados por Louis Althusser, ou quiçá, é possível dizer que hoje é possível constatar a existência do AIE das tecnologias da informação, e desta maneira, a afirmação de que “[...] nenhuma classe pode duravelmente deter o poder de Estado sem exercer simultaneamente a sua hegemonia sobre e nos Aparelhos Ideológicos de Estado” (ALTHUSSER, 1970, p.49), exemplo disso é a plataformização da educação pública no Estado do Paraná.

Então, diante de tal conjuntura, é imperioso reafirmar a importância dos Projetos Pedagógicos, da Educação Básica e da Educação Superior, serem construídos coletivamente e muito bem fundamentados, assim como o Projeto Pedagógico do curso de licenciatura que é objeto deste caso em questão, assim como a importância do papel que os docentes assumem, pois neutralidade em educação

é uma mentira, não podendo a docência ser neutra, pelo simples motivo de que só há dois lados, os opressores e os oprimidos, como afirma Saviani (2015), ou se está do lado do opressor ou dos oprimidos. Desta forma, é possível considerar que “[...] os Aparelhos Ideológicos de Estado podem ser não só o *alvo* mas também o *local* da luta de classes...” (ALTHUSSER, 1970, p.49).

Hoje, é possível verificar que a ideologia dominante, assim como outrora o fascismo e o nazismo (e outras ideologias totalitárias), busca “[...] reduzir seres humanos conscientes a átomos sociais...” (HORKHEIMER, 2015, p.177), para que os mesmos não despertem e reconheçam suas potencialidades e o potencial da sociedade. Gruschka (2014), apresenta uma importante reflexão sobre a ideia de frieza, ou como o próprio autor coloca, frieza burguesa, a qual pode ser um dos aspectos presentes nas ideologias totalitárias carregadas do espírito burguês, inclusive este autor destaca que a reflexão sobre a frieza está presente nas obras de Theodor Adorno e de Max Horkheimer.

De acordo com Gruschka (2014, p.71)

Horkheimer e Adorno designaram a frieza como o princípio moral fundamental da subjetividade burguesa e, ao mesmo tempo, contestaram que esta presumisse os sujeitos reais. Assim, contraditoriamente, a análise da frieza é direcionada para a ação das pessoas: sem a habilidade e sem a capacitação das pessoas em assumirem a frieza, ela não existiria. Mas certamente isso não significa que a frieza resulta da decisão moral dos homens ou até mesmo de suas condições prévias antropológicamente determinadas. A frieza apenas deve ser atribuída muito limitadamente aos homens, ela resulta em sua forma concreta dos fundamentos da reprodução material na sociedade burguesa.

E, ainda é possível afirmar que não somente a frieza é resultante dos fundamentos da reprodução material na sociedade burguesa, mas também o descaso para com o conhecimento e para com a própria formação, etc. Hoje grande número de seres humanos são tutelados, vivem em uma espécie de menoridade, não ousam pensar por si próprios, vivem acomodados, passivos e obedientes, bons consumidores da Indústria Cultural, da mesma forma que consomem bens e serviços. É mais fácil e agradável navegar na *web*, se atualizar no *feed* da mais nova rede social, ver o que o(a) *influencer* do momento está postando, do que se debruçar em livros, revistas, plataformas digitais de pesquisas científicas, enfim, os jovens de hoje preferem o conhecimento em pequenas doses e de forma superficial, como afirma Bauman (2013), citado anteriormente, que a sociedade de hoje é caracterizada por consumidores e por uma cultura “agorista”. Consequentemente, nesta conjuntura, uma parte desses jovens estão frequentando universidades, cursando inclusive as licenciaturas. Ora, sem autonomia não pode haver dignidade, pois, segundo Kant (2008, p.66), “[...] a autonomia é, pois, o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda a natureza racional”, portanto, é fundamental que os acadêmicos façam jus a este pressuposto.

Infelizmente se os jovens de hoje permanecerem acomodados em um estado de heteronomia, estarão fazendo jus aos pressupostos do capitalismo, ou seja, permanecerão em alienação, meros joguetes. Bauman (2013, p. 52) afirma que os jovens são indispensáveis para o sistema econômico capitalista,

De fato, os jovens não são plena e inequivocadamente dispensáveis. O que os salva da dispensabilidade total – embora por pouco – e lhes garante certo grau de atenção dos adultos é sua real e, mais ainda, potencial contribuição à demanda de consumo: a existência de sucessivos escalões de jovens significa o eterno suprimento de “terras virgens”, inexploradas e prontas para cultivo, sem o qual a simples reprodução da economia capitalista, para não mencionar o crescimento econômico, seria quase inconcebível. Pensa-se sobre juventude e logo se presta atenção a ela como “um novo mercado” a ser “comodificado” e explorado.

O capitalismo é desumano, não se importa com os seres humanos, e tem feito e continuará atuando de forma a não permitir que os seres humanos conquistem, ou melhor dizendo, realizem a dignidade humana, a autonomia. Visto que,

[...] “Por meio da força educacional de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida das crianças, usando a internet e várias redes sociais, e novas tecnologias de mídia, como telefones celulares”, as instituições empresariais buscam “imersão os jovens num mundo de consumo em massa, de maneiras mais amplas e diretas que qualquer coisa que possamos ter visto no passado” (BAUMAN, 2013, p.52).

Bauman (2013, p.52) cita uma pesquisa orientada pela Kaiser Family Foundation, a qual, demonstrou que

Jovens dos oito aos dezoito anos gastam agora mais de sete horas e meia por dia com smartphones, computadores, televisores e outros instrumentos eletrônicos, em comparação com as menos de seis horas e meia de cinco anos atrás. Quando se acrescenta o tempo adicional que os jovens passam postando textos, falando em seus celulares ou realizando múltiplas tarefas, tais como ver TV enquanto atualizam o Facebook, o número sobe para um total de onze horas de conteúdo de mídia por dia.

Esses dados não só assustam, como é preciso dar atenção a época em que Bauman trouxe aquelas informações à reflexão. Trata-se de informações trazidas ao público no ano de 2013, ou seja, há 11(onze) anos. Hoje a conjuntura é diferente, para se ter uma ideia, de acordo com Nazar (2023) no Brasil as pessoas passam em frente as telas por aproximadamente 9 (nove) horas por dia, ou seja, 56% do período de vigília, tornando o Brasil o segundo no *ranking* mundial de uso desta tecnologia, ficando atrás da África do Sul, onde as pessoas passam entorno de 58% do período de vigília conectados.

Conjuntamente a estes dados,

[...] um volume crescente de evidências de que o “problema dos jovens” está sendo considerado clara e explicitamente uma questão de “adestrá-los para o consumo”, e de que

todos os outros assuntos relacionados à juventude são deixados numa prateleira lateral – ou eliminados da agenda política, social e cultural (BAUMAN, 2013, p. 53).

Desta forma, reafirma-se a necessidade da educação enquanto ato político, na contra mão do conservadorismo das elites, as quais não querem que os jovens das classes populares se tornem, algum dia, lideranças políticas e culturais. Ora, no contexto conservador, os jovens são vistos como “terras virgens” a serem exploradas, como afirma Bauman (2013), constituindo uma espécie de colonização, ou seja, uma colonização de consciências. Neste sentido, a educação é configurada em uma espécie de bardo, curral versátil utilizado para estercar áreas específicas de terra, onde as ovelhas cativas são os estudantes, os cães pastores são os professores conservadores, a terra é a economia e os proprietários são representados pelo Estado burguês. Assim, a fim de se romper com a ideologia dominantes, faz-se mister que os professores estejam engajados na cauda dos oprimidos.

Mas, no que diz respeito ao não engajamento de professores e dos estudantes, é de se lastimar, pois a grande maioria deles, sejam os primeiros ou os segundos, não são filhos das classes mais abastadas deste país, em outras palavras, não são herdeiros, e constituem uma fração da sociedade que está e sempre esteve em desvantagem. E como apontam Bordieu e Passeron (2018), que o diletantismo nos estudos é uma característica dos estudantes de origem burguesa, assim, fica mais clara a compreensão sobre os estudantes observados neste estudo de caso, os quais não são oriundos da burguesia.

Inegavelmente verdadeira, a afirmativa de que os acadêmicos quem cursam licenciatura não são de origem burguesa, é atestada pelo relatório estatístico do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes-ENADE, presente no Resultados Enade-2021 (INEP, 2022), último relatório que contemplou cursos de licenciaturas. De acordo com este documento, foram avaliadas 30 áreas de conhecimento, das quais 57% são cursos de licenciatura. O número total de acadêmicos concluintes inscritos foi 492.461, dos quais, 74%, ou seja, 365.973 eram acadêmicos dos 5.043 cursos de licenciatura participantes no ENADE/2021, sendo que 279.208 compareceram para a realização da prova (76%) e 305.251 responderam ao questionário (83%). A maioria dos acadêmicos concluintes das licenciaturas tinham entre 25 e 33 anos (33,7%) e, em segundo lugar o grupo constituído por acadêmicos com até 24 anos de idade (28,3%). No que diz respeito a escolaridade dos pais, considerando a os respondentes de todos os cursos participantes no Enade/2021, 75% responderam que os pais não possuem diploma de nível superior, 7% responderam que ambos possuem diploma de curso superior, 11% afirmaram que somente a mãe e 7% que somente o pai. E, com relação a renda familiar, o supracitado documento demonstra que 29% das famílias sobrevive com uma renda de até 1,5 salário mínimo, 36% declararam renda de 1,5 a 3 salários mínimos, 16% declararam renda de 3 a



4,45 salários mínimos, 9% declararam renda de 4,5 a 6 salários mínimos, enquanto 10% declararam renda maior que 6 salários mínimos (INEP, 2022).

Também, fora apresentado um questionário específico aos concluintes dos cursos de licenciatura, no qual pode-se observar que 35% dos acadêmicos respondentes, afirmaram que a principal razão para a escolha de uma licenciatura foi a vocação, enquanto 21% afirmaram que a escolha se deu em função de ser uma profissão importante, 15% afirmaram que foi por terem sido inspirados por professores, enquanto somente 3% responderam que a escolha por um curso de licenciatura se deu em função de não terem condições financeiras para frequentarem outro curso, assim como outros 3% que afirmaram a escolha por influência familiar (INEP, 2022).

Ora, é preciso considerar que existe uma estrutura de poder, que mantém a sociedade dividida em classes, trata-se de uma organização desumana, que privilegia uma parcela minúscula da sociedade e que oprime a sua maior fração. E, neste contexto, é possível considerar que a escolha pela profissão docente se dar pela questão da vocação ou porque os acadêmicos consideram a profissão importante, pode indicar aspectos sociais e culturais presentes e ignorados e/ou desconhecidos pela sociedade, sobre os quais Bordieu e Passeron (2018, p.17) já desvelaram e debateram com primor esclarecedor, assim, demonstram que a classe social constitui “determinante das vocações escolares” e que

[...] A experiência do futuro escolar não pode ser a mesma para um filho de quadro superior que, tendo mais de uma chance em duas de ir para a uma faculdade, vê necessariamente em torno de si, e mesmo na sua família, os estudos superiores como um destino banal e cotidiano, e para o filho de operário que, tendo menos de duas chances em cem de lá chegar, conhece os estudos e os estudantes apenas por meio de pessoas ou de meios interpostos (BORDIEU; PASSERON, 2018, p.17).

As classes mais pobres encontram restrições em suas escolhas, por exemplo no caso da França de Bordieu e Passeron, “em regra geral, a restrição das escolhas impõe-se mais às classes baixas que às classes privilegiadas e mais às estudantes que aos estudantes, a desvantagem sendo ainda mais acentuada para as moças de origem mais baixa” (BORDIEU; PASSERON, 2018, p.22). Conforme os autores apontam, a origem social é fator fundamental na orientação estudantil e consequentemente na profissão dos indivíduos.

Usuários do ensino, os estudantes também são seu produto e não há categoria social na qual as condutas e as aptidões apresentadas levem com tanta intensidade a marca das aquisições passadas. Ora, como muitas pesquisas estabeleceram, é ao longo da escolarização, e particularmente durante as grandes transições da carreira escolar, que mais se exerce a influência da origem social: a consciência de que os estudos (e sobretudo alguns) custam caro e de que há profissões nas quais não se pode entrar sem algum patrimônio, as desigualdades da informação sobre os estudos e suas possibilidades, os modelos culturais que associam certas profissões e escolhas escolares (o latim por exemplo) a um meio social, enfim a predisposição, socialmente condicionada, a adaptar-se aos modelos, às regras e aos valores que regem a escola, todo esse conjunto de fatores que faz com que se sinta “em seu lugar” ou “deslocado”

na escola e que seja percebido como tal determina, apesar de todas as aptidões iguais, uma taxa de sucesso escolar desigual segundo as classes sociais, e particularmente nas disciplinas que supõem toda uma aquisição, quer se trate de instrumentos intelectuais, de hábitos ou de rendimentos (BORDIEU; PASSERON, 2018, p.29).

Os autores também apontam que a influência familiar nas escolhas dos estudantes é proporcional a classe social, quanto mais elevada a classe social, mais indícios dessa influência nas escolhas, ora, por outro lado, é possível inferir que os estudantes das classes mais abastadas são condicionados por uma cultura familiar a escolherem cursos e profissões que se apresentem mais adequados a manutenção do *status quo* burguês, e como consequência, acreditam na “ideologia do dom” e “no seu próprio dom”, assim como os estudantes das classes mais pobres, os quais vivenciam os obstáculos presentes na sociedade de classes, creem que as suas escolhas são fruto do seu livre arbítrio, ledô engano de ambos.

Para além da sociedade dividida em classes, o capitalismo é desumano, é totalitário e torna o Estado e a sociedade totalitários, e “[...] quanto mais totalitária for a sociedade, tanto mais reificado será também o espírito, e tanto mais paradoxal o seu intento de escapar por si mesmo da reificação (ADORNO, 2014, p.102). Desta forma, é imprescindível para a discussão na pós-modernidade, refletir o conceito de reificação considerando não só a alienação e o fetichismo da mercadoria, mas considerar tudo aquilo que não é tangível, mas que é negociável e consequentemente consumível, como por exemplo, a imensa produção da computação, entre elas, as Inteligências Artificiais, os jogos, entre outros produtos que colaboram para com a reificação dos indivíduos. Por conseguinte, é possível considerar que a sociedade contemporânea apresenta sintomas severos de reificação, pois além de consumidores/usuários de tantos produtos, os indivíduos (sujeitados) apresentam-se como peças fundamentais no capitalismo.

No que se refere a forma como os indivíduos se comportam, Schopenhauer (2012, p.104), diz que “[...] todo homem age de conformidade com o que é”, e que “[...] toda ação sua reponta naturalmente, como corolário de um teorema”. Assim, pode-se inferir que as ações são reflexos daquilo que os homens são, e o que são? O que é possível constatar? Ora, pode-se concluir que em um sistema opressor as ações dos homens serão condicionadas pelas condições que lhe são dadas, em outras palavras, em uma sociedade marcada pelo entretenimento (enquanto ferramenta para o condicionamento psicológico da sociedade), as crianças, os jovens e adultos são meros consumidores passíveis, joguetes nas mãos dos capitalistas, ou melhor dizendo, o capitalismo enquanto aura opressora que paira por todo o planeta mantém os indivíduos cativos. Inclusive, quais atitudes se espera de indivíduos cativos?! Talvez uma sociedade esclarecida e emancipada seja a esperança pela qual a filosofia crítica tem se dedicado há muito tempo.

Os indivíduos precisam se livrar do jugo que os mantém submissos, crentes de que são livres e de usufruírem o livre-arbítrio, pois “[...] a razão humana tende continuamente para a liberdade” (KANT, 2008, p.112), mas infelizmente a sociedade está desabituada ao uso da liberdade de orientar-se no pensamento, e neste ínterim, Kant (2008, p.113) afirma que “o *pensar por si mesmo* significa procurar em si (ou seja, em sua própria razão) a suprema pedra do toque da verdade; a máxima que manda pensar sempre por si mesmo é o esclarecimento [*Aufklärung*]”, e adverte que

[...] pela educação é fácil estabelecer o esclarecimento [*Aufklärung*] em indivíduos particulares; o que se tem de fazer é começar logo cedo e acostumar os jovens espíritos a essa reflexão. Já esclarecer toda uma época é um processo lento e penoso, uma vez que há muitos obstáculos exteriores que em parte proíbem essa espécie de educação e em parte a dificultam (KANT, 2008, p.113).

Inclusive, não basta somente uma crítica ao comportamento dos jovens acadêmicos na pós-modernidade, faz-se necessária uma crítica aos professores, e uma autocrítica aos que se dedicam a formação docente, e pela educação no sentido mais amplo do termo. Suas condutas precisam estar condizentes com os princípios filosóficos que hão de contribuir com o esclarecimento [*Aufklärung*], trata-se de uma ética, a qual não se pode ignorar, uma ética do conhecimento, trata-se de um vínculo entre o saber e o dever, sobre a qual Morin (2017, p.60) diz que

A ética do conhecimento luta contra a cegueira e a ilusão, éticas inclusive, e o reconhecimento das incertezas e das contradições, éticas inclusive. O princípio de consciência (intelectual) deve esclarecer o princípio de consciência (moral). Daí o sentido da frase de Pascal<sup>1</sup>: a ética deve mobilizar a inteligência para enfrentar a complexidade, do mundo, da própria ética. O princípio de consciência intelectual é inseparável do princípio de consciência moral.

Infelizmente é possível considerar que na sociedade pós-moderna, como em outros períodos da história da humanidade, o princípio de consciência intelectual, mesmo que inseparável do princípio de consciência moral, apresenta-se na grande maioria dos casos, muito distante deste segundo princípio. Ora, é notório que há um grande número de indivíduos intelectualizados, mas que apresentam escassez, ou nenhuma consciência moral, acabam por degenerar suas capacidades intelectuais em usos impróprios, exemplos não faltam e podem ser encontrados em todas as profissões. Assim, a partir destas considerações, a inseparabilidade entre os princípios de consciência intelectual e moral, deve ser um imperativo categórico, sob o qual a humanidade, quiçá, se orientará. Portanto, “a finalidade ética tem duas faces complementares. A primeira é a resistência à crueldade e à barbárie. A segunda é a realização da vida humana” (Morin, 2017, p.202).

<sup>1</sup> “Trabalhar para pensar bem, eis o princípio da moral” dizia Pascal (MORIN, 2017, p.60). (Nota pelos autores)

Outro aspecto importante diz respeito ao processo de conscientização, a tomada de consciência, sobre a qual Morin (2020, p. 72) afirma que “a consciência deve ser o futuro do humano”, ou seja, constitui uma meta a se realizar e ainda afirma que

A consciência é uma emergência das atividades do espírito, de natureza reflexiva, tanto sobre sua própria pessoa quanto sobre todo objeto de conhecimento. [...] A consciência é o supremo fruto do espírito humano, seu supremo desenvolvimento, sua qualidade última (MORIN, 2020, p.74).

Por outro lado, a consciência, enquanto “qualidade última”, apresenta-se frágil o suficiente ao ponto de degenerar ou de se extinguir, como uma “falsa consciência que se julga consciência verdadeira” (MORIN, 2020, p.74), caracterizando contextos nos quais é possível constatar crueldade, barbárie e obscurantismo. E, no que diz respeito as potencialidades do espírito consciente, Morin (2020) afirma que o espírito tem a capacidade de agir sobre o cérebro, para ele

[...] O espírito tem poder sobre o cérebro do qual depende, fazendo-o secretar hormônios de agressividade, defesa, simpatia, e pode desenvolver poderes sobre o próprio organismo, como evidenciam os iogues capazes de diminuir e mesmo interromper os batimentos do coração. Parece-me plausível que poderes potenciais do espírito sobre nós mesmos ainda sejam amplamente ignorados. Será que não disporia de capacidades cognitivas ainda não despertadas e de poderes adormecidos que um dia viremos a conhecer e utilizar? (MORIN, 2020, p.74).

Inegavelmente aqueles indivíduos que ainda permanecem em um estado de preguiça, e que se permitem não se orientar no pensamento, que buscam única e exclusivamente as facilidades que as novas tecnologias proporcionam, e que ignorando que o uso indiscriminado de tais tecnologias tem contribuído para a castração das capacidades cognitivas do ser humano, vivem cativos e pacíficos. Tornam-se reativos somente quando algum espírito esclarecido ameaça a zona de conforto na qual vivem, afinal, quando se é retirado da escuridão os olhos doem diante da luz. “*Sapere aude!*” (ouse saber, atreva-se a conhecer), apelo que pode ser reescrito como “saia da escuridão” ou, “fuja das trevas”, ou ainda, “fuja do cativeiro”. Enquanto os indivíduos permanecerem sujeitados, como no mito da caverna<sup>2</sup>, os seres humanos não conhecerá todo o seu potencial cognitivo.

Conforme o entendimento que se tem sobre o potencial do ser humano, mas que infelizmente não é explorado e utilizado por falta de consciência, a criatividade humana pode ser verificada nas realizações humanas individuais e coletivas, por mais simples que sejam, demonstram a capacidade que o ser humano possui para o ato criador. Verifica-se que “na criatividade humana, o papel essencial é o do espírito/cérebro; este tem a faculdade de invenção/criação desde a pré-história, não só nas artes e técnicas, como na proliferação luxuriante dos mitos e lendas” (MORIN, 2020, p.80).

---

<sup>2</sup> Diálogo entre Sócrates e Glauco, presente na obra A República de autoria de Platão. (Nota pelos autores)

Morin (2020, p.81-82) diz que “o espírito/cérebro fervilha noite e dia” e que “se pudéssemos entrar no espírito/cérebro de um ser humano executando rotineiramente seu trabalho, descobriríamos sonhos diurnos, fantasias, devaneios, diálogos, proezas, assassinatos imaginários, fantasias eróticas”, além de que também seria possível verificar uma grande confusão de pensamentos, assim como ideias as mais levianas e indispensáveis possíveis, mas que podem ser convertidas por uma “súbita iluminação”, a qual não é senão a tomada de consciência. E, ainda acrescenta dizendo que se a consciência é a “qualidade última” (MORIN, 2020, p.74), “o estado de poesia constitui a aspiração mais profunda do ser humano” e “os estados poéticos vão da emoção estética ao entusiasmo, da admiração ao maravilhamento, do pequeno prazer encontrado no cotidiano à embriaguez da festa, da exaltação amorosa ao êxtase” (*Ibid*, p.91), e por sua vez, “o êxtase é a suprema consumação dos estados poéticos” (*Ibid*, p.93).

A questão aqui não é aprofundar as reflexões sobre a psicologia do ser humano, mas uma reflexão em tom de provocação que possibilite uma análise da sociedade na pós-modernidade e suas relações com o mundo e com as novas tecnologias, principalmente as criações no campo da computação. Desta forma, hoje é possível verificar um estado de apatia presente na sociedade, a maior aspiração que os indivíduos massificados, sujeitados, demonstram é saciar suas demandas, as mais superficiais e efêmeras. Quando se fala em pensamento e consciência, é como se a sociedade na pós-modernidade estivesse impregnada por uma espécie de primitivismo, ora alienada.

Sobre as relações que os indivíduos podem estabelecer com os pensamentos, ou seja, sobre a racionalidade, Rohden (2007, p.64) diz que

O homem primitivo gosta do ruído *material* – o homem semiprimitivo descobriu outro ruído, mais sutil e erudito, que é o ruído *mental*. Viver para ele é pensar, pensar sempre, pensar muito, analisar, estudar, investigar – que divertimento gostoso, esse de assistir à deslumbrante pirotécnica dos pensamentos em ininterrupta sucessão! Essa esplêndida cachoeira de pensamentos é, para o homem intelectual, vida e vitalidade. É tão inebriante *flertar* com pensamentos, ideias, ídolos mentais... Projetá-los sempre de novo na tela panorâmica, multiforme e multicor, do cérebro... Essa *luxuria mental* é a grande delícia de milhares e milhões de homens eruditos da atualidade – da elite intelectual dos nossos tempos.

Possivelmente seja necessário reconhecer que muitos dos indivíduos que frequentam as universidades como estudantes, não são intelectuais, pois apresentam comportamentos e interesses diversos, assim como o desinteresse e descomprometimento para com as questões da mente e do espírito, ainda se comprazem nos “ruídos externos” (*Ibid*, p.64). Mas, e o êxtase? Este estado de consciência provavelmente seja verificado somente naqueles indivíduos que conseguiram romper com o “meio dos ruídos” (*Ibid*, p.64), e como conhecedores da verdade apresentam-se livres, pois,

Nem os *faladores* primitivos, nem os *pensadores* semiprimitivos atingiram as alturas da *Universidade do Silêncio*; conhecem periferias e semiperiferias – ignoram o centro e a fonte da suprema energia, onde brotam a vida e a vitalidade. O artista que não se matriculou na *Universidade do Silêncio* marca passo ou no curso primário dos *faladores* ou no curso secundário dos *pensadores*; não cruzou a última fronteira da genialidade creadora, que radica no misterioso seio do Silêncio fecundo. Só uns poucos homens conseguem ultrapassar o *sansara* do ruído físico-mental e entrar no *nirvana* do silêncio espiritual. Quando alguém consegue esse cruzamento de fronteira, quando inicia o seu noivado, ou celebra as suas núpcias com o Silêncio, inicia essa etapa quase sempre com uma *fuga do meio dos ruídos externos* (ROHDEN, 2007, p.64).

Mas, aqueles que conseguiram mudar de condição, percebem que o silêncio é possível em meio aos ruídos, “sem ser por ele destruído nem diminuído” (*Ibid*, p.65). Para Rohden (2007, p.66) é possível viver imune aos ruídos, para ele,

Essa imunidade paira acima da lei de *causalidade mecânica*, que impera no mundo do nosso ego físico-mental-emocional; paira nas alturas da *causalidade dinâmica*, como diz Bergson. A causalidade mecânica é um *alo-determinismo* escravizante, a causalidade é uma *auto-determinação libertadora*. Quando o homem perde o último resto do seu *alo-determinismo* e desperta em si a *auto-determinação libertadora*, então pode ele viver em permanente silêncio no meio de permanentes ruídos externos. Então, proclama ele a vitória da *qualidade do ser* sobre todas as *quantidades do ter*. Então deixa ele de ser o *produto passivo* das circunstâncias, e se torna o *produtor ativo* dessas mesmas circunstâncias. É sabido que os nossos supostos mestres se comprazem em afirmar que o homem é o produto do meio; se isso é um fato, então é um fato vergonhoso, porque afirma que o *sujeito consciente* é escravo dos *objetos inconscientes*, quando ele podia e devia ser o senhor soberano desses objetos, meios e circunstâncias. Afirmar e aceitar que o homem é o produto do meio, e conformar-se passivamente com esse fato, é assinar uma declaração de derrota total do homem pelos seus servos e tiranos.

Ora, na pós-modernidade ao se pensar sobre alo-determinação, autodeterminação, assim como as relações que a sociedade estabelece com os objetos, é imperativo considerar as relações estabelecidas entre os indivíduos e os produtos da computação, como por exemplo no uso de telas como *smartphones* e dos mais diversos *softwares*, assim como o uso de ferramentas e sites de apostas (*bets*). Esta questão é muito delicada e acusa o quão escravizada a sociedade está, e ao se considerar que se as suas ações surgem como “corolário de um teorema” (SCHOPENHAUER, 2012, p.104), o que tem se observado dentro das salas de aulas de escolas e de universidades, como no caso reflexionado neste artigo, é um de muitos sintomas apresentados pela sociedade em decorrência do sistema econômico hegemônico, assim como a liquidez pós-moderna.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se considerar o propósito deste artigo, é possível reconhecer que a problemática em questão, em função da sua complexidade não foi resolvida, permanece aberta e assim deve ser, pois em se tratando de uma forma de provocação à reflexão acerca de um sintoma social, o qual pode ser



considerado como um mal-estar pós-moderno, uma conclusão definitiva poderia ser fruto de uma mente conformista e/ou preguiçosa.

A atual conjuntura demonstra uma crise na sociedade e consequentemente é possível percebê-la também na educação, ora, pois uma não pode existir sem a outra. Sobre esta crise, Morin (2015, p.68) diz que “a crise da educação deve ser concebida em sua própria complexidade que, por sua vez, remete à crise da complexidade social e humana”. Neste sentido, este debate precisa ser ampliado, possibilitando que mais vozes se juntem, porque somente no diálogo poder-se-á vislumbrar horizontes menos conflituosos.

Morin (2015, p. 68) fala sobre uma regeneração social e humana e sobre o papel da educação em um processo regenerativo, para ele

Uma educação regenerada não poderia por si só mudar a sociedade. Mas poderia formar adultos mais capazes de enfrentar seus destinos, mais aptos a expandir seu viver, mais aptos para o conhecimento pertinente, mais aptos a compreender as complexidades humanas, históricas e sociais, planetárias, mais aptos a reconhecer os erros e ilusões no conhecimento, na decisão e na ação, mais aptos a se compreenderem uns aos outros, mais aptos a enfrentar as incertezas, mais aptos para a aventura da vida. No cerne da crise do ensino reside a crise da educação. No cerne da crise da educação residem as deficiências no ensino do viver. Problema de cada um e de todos nós, saber viver encontra-se no cerne do problema e da crise da educação.

Neste sentido, também é possível considerar que um processo regenerativo, depende de uma atenção ao ser humano em sua integralidade e complexidade, e para que isto seja possível Tonet (2012) esclarece que é preciso suprimir as barreiras materiais que impedem a realização de uma formação do homem integral. Ora, para este pesquisador “a formação integral do indivíduo supõe acesso à riqueza material e espiritual necessária à plena realização dele” e ainda que este acesso seja numa “forma adequada às necessidades humanas e não às necessidades de reprodução do capital” (*Ibid*, p.55).

Assim, de modo a finalizar este artigo e não a reflexão aqui iniciada, a atual conjuntura demanda a atenção e a dedicação de todos os intelectuais que acreditam na possibilidade da emancipação humana pelo esclarecimento. É chegado um momento histórico em que não se pode fazer vistas grossas a crise na qual a sociedade está, faz-se mister ações revolucionárias, transgressoras, que rompam com as velhas tradições conservadoras, as quais ainda insistem em manter a sociedade sob a ação do jugo e do aguilhão. Ubuntu!

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. Educação e emancipação. São Paulo: Paz e Terra, 2020.
- ADORNO, T. Indústria cultural e sociedade. São Paulo: Paz e Terra, 2014.
- ALTHUSSER, L. Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. São Paulo: Martins Fontes, 1970.
- BAUMAN, Z. Sobre educação e juventude. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- BORDIEU, P; PASSERON, J.C. Os herdeiros: os estudantes e a cultura. Florianópolis: UFSC, 2018.
- GRUSCHKA, A. Frieza burguesa e educação: a frieza como mal-estar da cultura burguesa na educação. Campinas: Autores Associados, 2014.
- HORKHEIMER, M. Eclipse da razão. São Paulo: UNESP, 2015.
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resultados Enade, Conceito Enade e IDD 2021. Brasília, DF: Inep, 2022. Disponível em: [https://download.inep.gov.br/enade/resultados/2021/apresentacao\\_resultados\\_finais.pdf](https://download.inep.gov.br/enade/resultados/2021/apresentacao_resultados_finais.pdf). Acesso em 15 set. 2024.
- KANT. I. Doutrina da virtude. Disponível em: < <https://dlivros.com/livro/doutrina-virtude-immanuel-kant> >. Acesso em 15 set. 2024.
- KANT. I. Fundamentação da metafísica dos costumes e outros escritos. São Paulo: Martin Claret, 2008.
- MORIN, E. Conhecimento, ignorância, mistério. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.
- MORIN, E. Ensinar a viver. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MORIN, E. O método 6: ética. Porto Alegre: Sulina, 2017.
- NAZAR, S. Brasileiros passam em média 56% do dia em frente às telas de smartphones e computadores. JORNAL USP, Ribeirão Preto, 19 de junho de 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/brasileiros-passam-em-media-56-do-dia-em-frente-as-telas-de-smartphones-computadores/>. Acesso em: 09 out. 2024.
- ROHDEN, H. Filosofia da arte: metafísica da verdade revelada na estética da beleza. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SCHOPENHAUER, A. O livre-arbítrio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- TONET, I. Educação contra o capital. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.